



GT 04. Antropologia Biológica e interfaces biologia e cultura: história, pesquisas atuais e perspectivas futuras

Coordenador(es):

Verlan Valle Gaspar Neto (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Pedro Jose Tótorá da Glória (Universidade Federal do Pará)

A história da Antropologia Biológica remonta, pelo menos, ao século XIX, tanto nos chamados centros irradiadores (EUA e Europa) quanto em outros países, inclusive no Brasil. Das primeiras investigações até os dias atuais, a Bioantropologia brasileira tem se apresentado multifacetada, com uma profusão de estudos com reconhecida inserção na comunidade antropológica internacional. Não obstante, praticamente inexistem hoje, no Brasil, espaços de discussão que abordem as interfaces entre Biologia e as ciências humanas, incluindo em um mesmo fórum pesquisas realizadas em Etnobiologia, Antropologia Ecológica, evolução biocultural, Antropologia Forense, Bioarqueologia, Antropologia Genética, Socioecologia da Saúde, Primatologia, entre outros campos correlatos. Inspirada em iniciativas como o simpósio “Reintegrating Anthropology” (Portugal, 2016), organizado pela Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, e o livro editado por Tim Ingold e Gisli Palsson, *Biosocial Becomings: Integrating Social and Biological Anthropology* (2013), a proposta deste GT é abrir espaço a investigações de natureza teórica, experiências em trabalho de campo, bem como relatos de iniciativas institucionais, que contemplem os aspectos históricos, os múltiplos temas atuais, as perspectivas futuras e, sobretudo, as possibilidades de diálogo entre Biologia e Antropologia no e a partir do Brasil.

Antropologia física: raça e população por Nina Rodrigues e Roquette-Pinto

Autoria: Levi Barbosa de Melo (UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco)

Este work foi desenvolvido com base em um levantamento bibliográfico e histórico documental sobre a trajetória da antropologia física no Brasil e a partir de dois protagonistas; Nina Rodrigues e Roquette-Pinto que tiveram destaque na área. O conceito de raça usado por Nina (1862-1906) e população por Roquette-Pinto (1884-1954) foram abordados como termos importantes para uma emblemática a ser discutida. O tempo em que raça foi utilizado pelos pesquisadores corresponde também, ao período dos estudos de craniometria e criminologia, temas que Nina Rodrigues discutiu e outros pensadores da época. Já população aparece quando os debates a respeito do uso do termo raça não seria adequado. Roquette-Pinto apresenta uma nova forma de se pensar a antropologia física, diferente da abordada por Nina. População viria a substituir o termo raça. Não foi somente uma mudança de termos, o alcance foi maior. Com base nisso o intuito deste work é investigar e entender como esses conceitos tiveram papéis importantes na trajetória da área, na obra e vida institucional da antropologia física. Os dois conceitos marcam dois pontos distintos da área mas que possuem uma concepção se tratando da trajetória da antropologia física no Brasil.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: